

Mesmo sem cura, portadores da doença podem ter qualidade de vida

Da Redação

O Dia Internacional da Doença de Parkinson foi celebrado no último dia 11, mas não há muito o que comemorar. A doença degenerativa e progressiva que afeta a comunicação do cérebro com o restante do corpo e que ocorre por conta da morte de neurônios, não tem cura. Para quem convive com a patologia, que tem como principal sintoma o tremor nas mãos, tarefas simples, como segurar uma xícara, ou uma caneta, pode ser algo muito difícil.

No entanto, para os parksonianos de Campinas, a qualidade de vida já não é algo tão inatingível. A cidade possui uma associação que desenvolve um trabalho no sentido de garantir aos portadores e seus cuidadores várias alternativas de atividades para melhorar o cotidiano. A missão da Associação Parkinson Campinas é ajudar a compreender a enfermidade.

REUNIÕES

Para isso, realiza reuniões mensais com



Nos encontros na Associação Parkinson Campinas, os portadores e seus cuidadores conhecem e praticam várias alternativas de atividades para melhorar a qualidade de vida

profissionais especializados para esclarecer dúvidas e discutir sobre o Parkinson e suas consequências.

Na entidade, exemplos de pessoas que seguiram em frente, mesmo com a doença, não faltam. Como o de Alcides Maiorino Filho e Simião Herrera Miradas, que tiveram o destino cruzado,

quando tiveram o diagnóstico da doença. À época, Alcides aos 45 anos, era diretor financeiro de uma multinacional e tinha na música um hobby. Já o paraguaio Simião Herrera Miradas era músico do Trio América e tinha a mesma idade.

E foi por meio das artes que os dois mudaram o diagnóstico e um

destino incerto para uma vida de motivação e superação de desafios. Foi o início de muitas outras atividades, afirmando que a patologia não pode impedir a continuidade da vida.

ARTE

“As artes me ajudaram a vencer as incapacida-

des da doença”, revela Alcides que hoje, aos 69 anos, tem mais de mil telas pintadas e já participou de cerca de 50 exposições na Região Metropolitana de Campinas. Escultura e tocar piano são outros hobbies que chegaram com a nova vida.

Mesmo não tocando mais profissionalmente, Simião ainda toca o vi-

olão em eventos e festas familiares. “A música para mim é vida. Eu me animo e me alegro quando estou tocando e cantando”, afirma.

A arte também ajudou o escocês George Shepherd a ter motivação pós-Parkinson. E de professor de Botânica na **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, ele

passou à arte da fotografia, com o objetivo de mostrar a beleza escondida nas plantas, folhas e flores. “Minha intenção é mostrar as questões técnicas das plantas. Não é necessariamente um trabalho artístico, mas a beleza nos closes sempre aparece”, destaca.

Presidente da Associação Parkinson Campinas, Omar Rodrigues é outro exemplo. Além desta entidade, ele é membro do Conselho de Idosos de Campinas e milita em várias outras instâncias em um incansável trabalho de conscientização sobre a enfermidade. “Muitas pessoas quando recebem o diagnóstico se escondem e não acreditam que podem manter uma vida de superação”, destaca. Na Associação, ele coordena uma equipe em um esforço conjunto de reunir os portadores com o objetivo de socializar e trocar as experiências do cotidiano.

“Queremos que o parkinsoniano saiba que ele pode ser produtivo e fazer muitas coisas, mesmo com o diagnóstico. A doença não pode ser uma sentença de morte”, finaliza.